

Desinflação em 2016: efeitos regionais

Tabela 1 – IPCA

Região	2015	2016	Varição (p.p)
Brasil	10,67	6,29	4,38
N	9,95	6,76	3,19
NE	10,29	7,20	3,09
SE	10,56	6,23	4,33
S	11,87	5,74	6,13
CO	10,37	5,83	4,54

Fonte: IBGE

A inflação registrou trajetória declinante em 2016, com o fim dos impactos dos choques de preços, observados no ano anterior. A postura da política monetária limitou os efeitos indiretos desses choques, levando a inflação a uma redução mais acentuada no final do ano, período que apresentou trajetória mais favorável que o esperado, com sinais de um processo de desinflação mais difundido, possivelmente significando menor persistência. No entanto, o processo de desinflação de alguns componentes do IPCA mais sensíveis ao ciclo econômico e à política monetária requer atenção contínua.

Nesse contexto, este boxe identifica a evolução da desinflação nas grandes regiões¹ do país, a partir da seguinte desagregação da cesta utilizada para o cálculo do IPCA: (i) Alimentação no domicílio; (ii) Bens industrializados; (iii) Serviços subjacentes²; (iv) Serviços, exceto subjacentes; e (v) Monitorados.

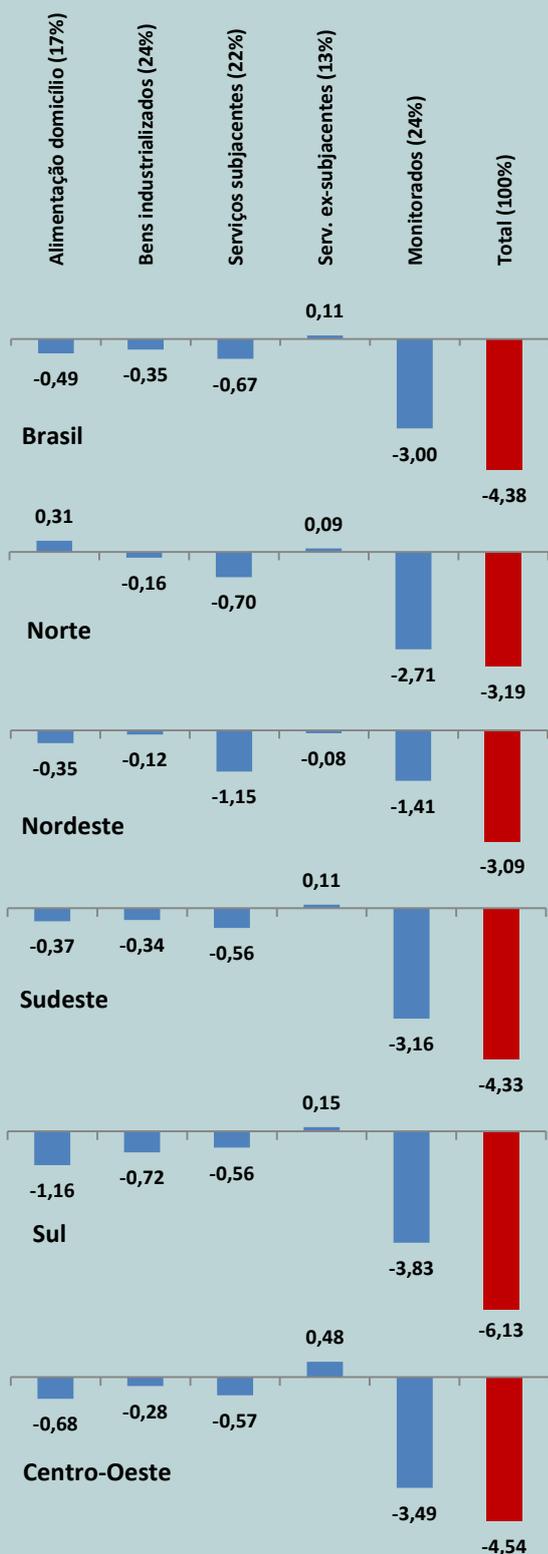
A variação do IPCA no Brasil atingiu 6,29% em 2016, ante 10,67% no ano anterior. Houve desaceleração em todos os componentes do indicador nacional, excetuando-se serviços ex-subjacentes, segmento com maior rigidez dos serviços, em parte decorrente do aumento do salário mínimo. Ressalte-se que no Brasil, assim como em todas as regiões, a contribuição mais acentuada para a desaceleração do IPCA originou-se nos preços monitorados, associada às elevações nos itens tarifas de energia elétrica residencial e combustíveis, no início de 2015.

A desinflação em 2016 foi mais intensa no Sul (6,13 p.p.), evolução associada, em especial, às retrações mais acentuadas nos componentes alimentação no domicílio, reflexo da desaceleração dos preços dos alimentos *in natura*, resultante de choques de oferta menos intensos em 2016; bens industrializados e monitorados.

1/ Considerou-se como IPCA de cada grande região os obtidos com dados coletados nas seguintes regiões metropolitanas (RM) e municípios: (i) Norte: RM Belém; (ii) Nordeste: RMs Fortaleza, Recife e Salvador; (iii) Sudeste: RMs Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo; (iv) Sul: RMs Curitiba e Porto Alegre; (v) Centro-Oeste: municípios de Brasília, Goiânia e Campo Grande.

2/ Corresponde aos serviços mais sensíveis ao ciclo econômico. Exclui aqueles muito voláteis (turismo), com reajustes pouco frequentes (cursos e comunicação) e/ou que sofreram alteração na metodologia de cálculo (serviços domésticos). Para mais detalhes, vide o boxe "Inflação no Setor de Serviços" no Relatório de Inflação de setembro de 2016.

Figura 1 - Variação da Inflação em 2016



Fonte: IBGE

No Norte e no Nordeste ocorreram as menores reduções na inflação em 2016. O Norte foi a única região onde a alimentação no domicílio acelerou no ano, impulsionada, em especial, pela evolução dos preços dos alimentos industrializados, sobretudo da farinha de mandioca, que aumentou 46,0% em 2016. A desaceleração modesta do IPCA do Nordeste foi condicionada, em parte, pela menor desinflação dos monitorados, que responderam, na região, por 1,41 p.p. da redução da inflação no ano, ante 3,00 p.p. no Brasil. Esse desempenho dos monitorados no Nordeste repercutiu o desdobramento do reajuste do item energia elétrica em 2015³ e em 2016. Nesse cenário, o Nordeste, mesmo registrando a maior retração nos preços dos serviços subjacentes, foi a região onde a desinflação foi mais reduzida em 2016.

O comportamento da desinflação no Sudeste, evidenciando a representatividade da economia da região, mostrou-se semelhante à observada em âmbito nacional, enquanto no Centro-Oeste, que registrou a segunda maior desinflação regional, destacaram-se as variações nos preços dos monitorados e a pressão altista dos serviços ex-subjacentes (contribuição de 0,48 p.p. para a variação da inflação no ano, ante média nacional de 0,11 p.p.).

Para melhor compreender as diferenças entre a evolução dos IPCA regionais e de seus componentes em 2016, foi realizada a decomposição da diferença entre as inflações regionais e a média do país, incorporando efeitos peso e preço⁴.

A inflação de uma região i pode ser definida como:

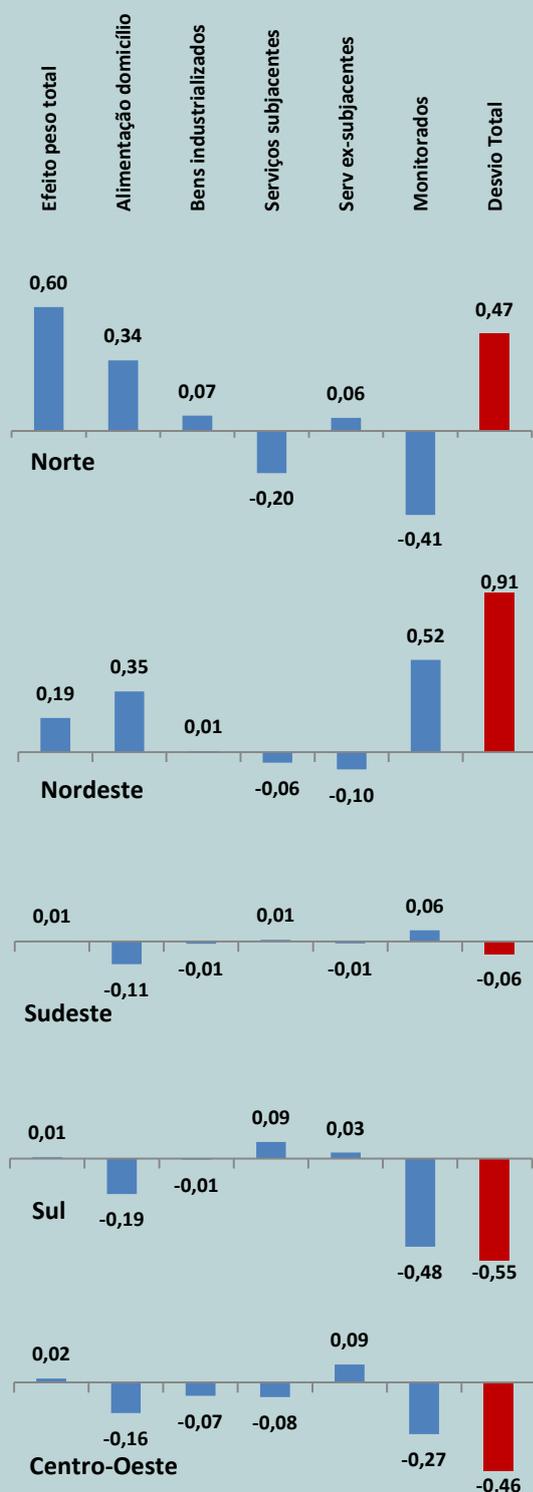
$$\pi^i = \sum_{j=1}^5 \theta_j^i \pi_j^i \quad (1)$$

Onde i refere-se à região, j aos componentes do IPCA e θ aos pesos. Nesse contexto, o IPCA é uma média da inflação dos componentes, ponderada pelos pesos, que representam as respectivas participações na cesta de consumo das famílias. Regionalmente os pesos são distintos, dependendo

3/ No primeiro trimestre de 2015 a energia elétrica subiu 16% no Nordeste ante 36% na média nacional.

4/ Exercício similar foi realizado no *boxe* "Diferenças Entre os IPCA Regionais em 2007", na edição de abril de 2008 deste Boletim. Ressalta-se que ambos os *boxes* identificam os efeitos peso e preços com a desagregação utilizada – nos 9 grupos, no *boxe* de 2008, e em 5 segmentos, no atual.

Figura 2 - Desvios da Inflação Nacional em 2016 (IPCA) Efeito peso total e efeitos preço desagregados (p.p.)



Fonte: IBGE

de fatores como nível de renda⁵, preços e costumes regionais.

A diferença entre a inflação de uma região e a média nacional é dada por:

$$(\pi^i - \pi^{BR}) = \sum_{j=1}^5 \theta_j^i \pi_j^i - \sum_{j=1}^5 \theta_j^{BR} \pi_j^{BR} \quad (2)$$

As diferenças decorrem tanto de distinções dos pesos (efeito-peso) e das inflações (efeito-preço) dos componentes⁶. Para separá-los, a equação (2) pode ser reescrita da seguinte forma:

$$(\pi^i - \pi^{BR}) = \underbrace{\sum_{j=1}^5 \pi_j^i (\theta_j^i - \theta_j^{BR})}_{\text{efeito-peso}} + \underbrace{\sum_{j=1}^5 \theta_j^{BR} (\pi_j^i - \pi_j^{BR})}_{\text{efeito-preço}} \quad (3)$$

Conforme a Figura 2, em 2016, no Norte e no Nordeste a inflação superou a média nacional em 2016; no Sul e no Centro-Oeste situou-se em nível inferior; e no Sudeste, em patamar muito próximo.

No Norte, destaca-se o efeito peso, sobretudo em função da participação dos alimentos no domicílio na cesta do IPCA, que atinge 27,8% na região, ante 17,0% no país. No mesmo sentido, o preço dos alimentos no domicílio exerceu pressão altista relevante, atenuada pela pressão baixista dos monitorados, em especial pela estabilidade das tarifas de ônibus urbano em 2016.

A inflação no Nordeste superou a do país em 0,92 p.p., com ênfase no impacto do efeito preço dos monitorados e dos alimentos no domicílio, em parte devido aos efeitos da estiagem prolongada na região.

No Sudeste, conforme mencionado anteriormente, a desinflação registrou patamar semelhante à observada em âmbito nacional, destacando-se o efeito preço com viés de baixa dos alimentos no

5/ Nas regiões de menor renda, como Norte e Nordeste, alimentos no domicílio têm maior peso, contrastando com o Centro Sul onde ganham importância serviços monitorados, em particular combustíveis de veículos e medicamentos.

6/ O efeito peso mede, portanto, a diferença da inflação decorrente da distinção dos pesos dos componentes, e o efeito preço mede as diferenças de inflação dos componentes do IPCA das regiões em relação aos correspondentes na média nacional. Em nossos resultados, o efeito peso é apresentado de forma agregada, enquanto que o efeito preço é desagregado.

domicílio, associado, em especial, ao impacto de choques de ofertas, mais intensos no Norte e Nordeste, sobre a média nacional do componente.

O Sul foi a região onde o efeito preço exerceu a maior contribuição baixista, em parte devido à redução mais acentuada das tarifas de energia elétrica em 2016 (recoo de 17,1% ante 10,7% no país). No Centro-Oeste, os menores reajustes de preços no item ônibus urbano e a redução dos preços no item gás de botijão, em relação à média nacional, contribuíram para que a inflação da região registrasse patamar 0,46 p.p. inferior à do país. A exemplo do observado no Sudeste, o efeito-preço negativo de alimentos no domicílio registrado no Sul e no Centro-Oeste também repercutiu choques de oferta de alimentos no Norte e Nordeste.

Em linhas gerais, a desinflação do IPCA em 2016 sugere exaustão dos efeitos de segunda ordem dos choques de oferta, principalmente dos ajustes nas tarifas de energia elétrica, ocorridos em 2015, nos combustíveis e nos alimentos *in natura*. A desinflação nos monitorados apresentou a maior contribuição em todas as regiões, seguindo-se a dos serviços subjacentes, no Norte, Nordeste e Sudeste, e a dos alimentos, no Sul e Centro-Oeste. Em relação à dispersão das inflações regionais em 2016, predominaram os desvios da inflação dos monitorados e da inflação de alimentos. A diferença de pesos foi o principal determinante da diferença de inflação no Norte e exerceu impacto relevante no Nordeste.